

LINGÜÍSTICA



Puruborá: Notas Etnográficas e Lingüísticas Recentes

Puruborá: Recent Ethnographic and Linguistics Notes

*Ana Vilacy Galucio**

Resumo: Este artigo apresenta informações etnográficas atuais a respeito do grupo indígena Puruborá, baseadas em dados novos coletados durante pesquisa de campo realizada junto aos remanescentes Puruborá, (re)localizados nos anos de 2000 e 2001, no estado de Rondônia. A segunda parte do artigo busca sistematizar o sistema fonológico da língua Puruborá, estabelecendo suas principais propriedades fonológicas. Os sons ocorrentes são apresentados e uma análise fonológica preliminar da língua é defendida. Observações de cunho comparativo também são estabelecidas, sempre que possível, entre o Puruborá e línguas de outras famílias Tupi, visando situar o Puruborá no quadro geral do tronco Tupi. Trata-se do primeiro trabalho de descrição analítica sobre a única língua conhecida da família Puruborá.

Palavras-Chave: Fonologia. Línguas indígenas. Tronco Tupi. Puruborá

Abstract: This paper presents current information about Puruborá people, based upon new data collected during field research carried out among the members of the group that were relocated in the years 2000 and 2001, in the state of Rondônia. The second part of the paper aims to sistematize the phonological system of Puruborá language, and to establish its main phonological properties. The occurring sounds are described and a preliminary phonological analysis is defended. When comparative data are available, observations involving Puruborá and languages of other Tupi families are presented. These short comparative notes are intended as a way of locating Puruborá in relation to the other families within the broader Tupi family. This is the first analytic description on the only known language of the Puruborá family.

Key Words: Phonology. Indigenous languages. Tupi family. Puruborá

* MPEG - Museu Paraense Emílio Goeldi. Cx. Postal 399. CEP 66.040-170. Belém-PA. (avilacy@museu-goeldi.br).

INTRODUÇÃO

Os estudos na área de lingüística indígena têm progredido no Brasil nas últimas décadas, porém, de um modo geral, ainda existe pouca informação a respeito das línguas dos povos indígenas do país. O presente trabalho visa contribuir para preencher essa lacuna, através da descrição da análise preliminar da fonologia da língua Puruborá, com base nos dados lexicais coletados pela autora com dois membros do grupo Puruborá, em Rondônia, a partir do ano de 2001. Trata-se da etapa inicial de pesquisa em andamento, de modo que as conclusões aqui apresentadas precisam ser testadas à luz de mais dados e à medida que aumente nosso conhecimento da língua.

OS PURUBORÁ E SUA LÍNGUA

De acordo com relatos de um dos anciãos Puruborá entrevistados sua família vivia na região do rio Branco, no Sudeste do estado de Rondônia, onde mantinha contato com os povos Makurap, Aruá e Tupari, entre outros. Entretanto, devido a brigas com estes povos, a família mudou-se para as proximidades do rio São Miguel, um tributário do rio Manoel Correia, no atual município de Costa Marques, Rondônia. A área do rio São Miguel próxima ao rio Branco é dada como a região originária do Povo Puruborá pelos outros anciãos do grupo que foram entrevistados. Eles contam que os seus antepassados viviam nas proximidades do rio São Miguel, onde foram encontrados pelo Marechal Candido Mariano Rondon, em 1912. Nesse mesmo ano, o Marechal Rondon criou dois Postos Indígenas, às margens do rio Manoel Correia, para onde levou os Puruborá. Os marcos definitivos da área foram sentados pelo próprio Marechal Rondon em visita subsequente no ano de 1919 e confirmados por Benjamin Rondon no ano de 1925. Os Puruborá mais idosos calculam em torno de 600 pessoas a população indígena desses Postos na época de sua implantação. Entretanto, devido a doenças como sarampo, beribéri e gripe, muitos índios morreram, restando aproximadamente 150 pessoas. Inicialmente havia somente índios Puruborá e alguns índios Gavião morando nos Postos, que estavam sob administração do Sr. José Felix do Nascimento. Posteriormente, índios Cabixi e Miguelenho, originários do rio Manoel Correia, juntaram-se a estes.

Os Puruborá viveram nos referidos Postos Indígenas até 1949, ano da morte do chefe dos postos. Após essa data, os Puruborá, já em número bastante reduzido, iniciaram um processo de retirada e abandono da área onde moravam, à procura de trabalho e melhores condições de vida. Somente um dos entrevistados permaneceu na área com sua família, até a década de 1980, quando saiu de sua terra devido a problemas de saúde. Na década de 1950, uma outra senhora da mesma família retornou para a terra de seus pais às margens do rio Manoel Correia, onde morou até 1994. Segundo os relatos dos Puruborá, nessa época, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) visitou a área, fazendo o reconhecimento e delimitação da terra indígena Uru Eu Wau Wau e limitou o acesso à terra dessa senhora Puruborá e de sua família por não (re) conhecer sua identidade indígena.

Documentação histórica confirma a presença dos índios Puruborá na região dos rios São Miguel e Manoel Correia, como relatado pelos anciãos entrevistados. Curt Nimuendaju, em seu Mapa Etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes (1981), localiza os Puruborá nas proximidades dos rios São Miguel e Muqui, a partir de informações contidas em Koch-Grünberg (1932) e Snethlage (1937). O etnólogo Theodore Koch-Grünberg (1932) cita o rio Manoel Correia, afluente do rio São Miguel, como sendo a localização da tribo do jovem Atekáte Puruborá entrevistado por ele em 1924, na cidade de Manaus, Amazonas. Com base em informações dos arquivos do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), Darcy Ribeiro (1967, p.150)

apresenta o grupo Puruborá com uma população entre 50 a 100 pessoas, vivendo nas cabeceiras do rio São Miguel, tributário da bacia direita do Guaporé, em contato intermitente com a 'sociedade nacional'. Ribeiro lista o povo Puruborá na categoria de grupos indígenas 'isolados' no ano de 1900 e na categoria de grupos indígenas com 'contato intermitente' no ano de 1957. Ainda segundo Ribeiro, a grande maioria dos grupos em contatos intermitentes teriam sido "pacificados pelo SPI, o qual lhes assegurava as reservas (indígenas) para estabelecerem sua residência permanente" (RIBEIRO, 1967, p. 92-93); e, em nota de rodapé explicativa ele cita a 'pacificação' de alguns grupos, mas não se refere especificamente aos Puruborá.

No Mapa da Bacia Amazônica, publicado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1971, consta o Ponto Bicentenário, logo abaixo do igarapé 22 de outubro, afluente do rio Manoel Correia. Esse ponto é um dos marcos da área dos Puruborá, sentado pelo Marechal Rondon em 02 de maio de 1919, segundo relatos dos Puruborá. Ressalta-se, pois, que a localização de tal ponto no Mapa do IBGE coincide com a exata descrição da área e de seus marcos pelos Puruborá. Um dos anciãos ainda lembra dos nomes de alguns dos marcos topográficos da área na língua Puruborá. Como o nome do rio Manoel Correia, que em Puruborá é Itu inã 'igarapé da serra vermelha', segundo seu depoimento.

Nos arquivos do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), localizados no Museu do Índio, no Rio de Janeiro, a autora localizou uma carta do Marechal Cândido Mariano Rondon, datada de 23 de junho de 1921, na qual ele afirma ter delimitado, em 1919, uma área de terra para uso dos índios do rio São Miguel e apresenta o Sr. José Felix Nascimento como chefe desse posto indígena e responsável pela guarda e proteção dos índios que ali se encontravam. Segundo descrição de Rondon, esta área de terra, denominada "Posto Indígena 03 de maio", localizava-se à margem direita do rio Manoel Correia, abaixo da foz do igarapé da Cigana, e abrangia uma área circular de raio igual a duas léguas (aproximadamente 67600 he), tendo o posto indígena como centro. Embora a carta não faça referência expressa aos índios Puruborá, a localização, a data da demarcação, o nome do posto indígena, bem como o nome do chefe do posto designado por Rondon, são independentemente confirmados pelas declarações dos anciãos Puruborá e demais registros históricos e etnológicos disponíveis.

A língua Puruborá foi classificada como uma língua isolada dentro do tronco Tupi ou como uma família composta de apenas uma língua – família lingüística Puruborá, língua Puruborá – (RODRIGUES, 1984, 1985). Em 1986, tudo que se tinha conhecido sobre Puruborá eram algumas listas de palavras (RODRIGUES, 1986). Infelizmente, em 2001, 15 anos depois, a situação continuava basicamente a mesma. Os relatos que coletamos dão conta de que ao menos dois missionários visitaram a região habitada pelos Puruborá e coletaram material lingüístico e etnográfico, mas este material, se ainda existe, não foi localizado até o presente.

2001 - REAPARECEM OS PURUBORÁ

A história mais recente dos Puruborá é recheada de controvérsias. Por um lado, oficialmente o grupo chegou a ser considerado extinto já na década de 1980. No site oficial da Fundação Nacional do Índio (www.funai.gov.br/mapas/etnia/etn_ro.htm), o grupo Puruborá não consta da lista de grupos indígenas atuais do estado de Rondônia, tampouco consta do Mapa de Terras Indígenas da Fundação a terra dos Puruborá demarcada pelo Marechal Rondon e entregue aos índios no início do século passado. Por outro lado, registramos pessoalmente a presença dos Puruborá que, a despeito da trajetória de sofrimento e lutas

que vêm percorrendo na tentativa da sobrevivência, não desistiram de lutar pelo direito de ter sua identidade, formação étnica e direito à terra respeitados.

O Conselho Indigenista Missionário de Rondônia (CIMI-RO) localizou, no ano de 2000, algumas famílias Puruborá nos municípios de Guajará-Mirim e Seringueiras, no estado de Rondônia. A partir de então, o CIMI-RO vem prestando assessoria aos Puruborá, especialmente em relação à busca pelo reconhecimento e demarcação da terra indígena Puruborá (CATHEU, 2001). Segundo informações de um dos membros da Regional do Cimi em Rondônia (Gilles de Catheu, comunicação pessoal), existem hoje mais de 300 pessoas do grupo Puruborá, entre os quais pelo menos 11 idosos, que viviam na área do rio Manoel Correia na época do SPI.

Por meio do lingüista holandês Hein van der Voort, a Área de Lingüística do Museu Goeldi foi informada que o CIMI-RO, através de sua assessoria jurídica, procurava parcerias para tratar de questões etnológicas e lingüísticas, entre outras, envolvendo o povo Puruborá. Seguindo esse contato inicial, a autora resolveu continuar o trabalho de documentação lingüística da língua Puruborá que havia sido iniciado pela Área de Lingüística com 3 anciãos Puruborá no final da década de 1980 e ofereceu colaboração ao CIMI-RO, disponibilizando o repasse de informações que pudessem ser úteis para a questão jurídico-fundiária envolvendo o reconhecimento da terra indígena Puruborá. Assim, a autora viajou para Rondônia em julho de 2001, com a finalidade de visitar as famílias Puruborá que haviam sido localizadas pelo CIMI-RO, tentar localizar outras famílias, coletar informações etnográficas, realizar o levantamento lingüístico e a identificação da língua indígena caso houvesse ainda falantes entre eles, bem como (re) iniciar a documentação lingüística com os possíveis falantes. Até julho de 2002, duas outras viagens já haviam sido realizadas pela autora, a convite dos Puruborá.

DOCUMENTAÇÃO LINGÜÍSTICA

Trabalhos anteriores, fonte dos dados atuais e o presente trabalho

Os únicos trabalhos de que se tem notícia sobre a língua Puruborá são listas de dados lexicais coletadas em diferentes épocas no século XX. A primeira lista é relativamente extensa, coletada na cidade de Manaus por Theodore Koch-Grünberg (1932) com um jovem Puruborá de cerca de 10-12 anos de idade, oriundo da região do rio Manoel Correia. Essa lista é composta de 328 vocábulos subdivididos em áreas semânticas: partes do corpo humano, elementos da natureza, casa e manufaturas, termos de parentesco, medicina e religião, animais mamíferos, aves, peixes, répteis, insetos, plantas, numerais, pronomes, adjetivos, cores, advérbios, verbos e preposições de tempo e lugar. Embora haja diferenças, provavelmente de cunho dialetal, entre esta lista e a lista coletada pela autora do presente trabalho há correspondências suficientes que permitem afirmar tratar-se da mesma língua. Entre as diferenças pode-se citar o fato de que várias palavras da lista de Koch-Grünberg (1932) não foram identificadas pelos falantes que colaboraram com este trabalho, enquanto algumas palavras foram reconhecidas, mas com significado diferente. Um problema na comparação das listas é a falta de definição dos símbolos usados por Koch-Grünberg na transcrição das palavras em Puruborá. Porém, considerando-se que os símbolos tenham sido usados da maneira usual, existem várias palavras que possuem oclusivas sonoras na lista de Koch-Grünberg (K-G), mas oclusivas surdas na lista atual, como a palavra 'mulher', que é *bagoya*, em Koch-Grünberg (1932) e *pakoja*, neste artigo. Porém, existem vários exemplos de correspondência entre consoantes surdas, incluindo [p, t, k] nas duas listas, exceto ao final de palavras, onde K-G tem sempre consoantes sonoras. K-G também registra a consoante fricativa sibilante

sempre como sonora [z] e em variação livre com a fricativa palatal [zá], enquanto nos dados atuais essa consoante é sempre uma palatal surda [sá] que nunca alterna com [s] ou [z]. As vogais, em geral, correspondem entre si nas duas listas.

A segunda lista é o vocabulário padrão do Museu Nacional, coletado por William Bontkes (1968), no ano de 1968, com uma senhora Puruborá chamada Tereza, na localidade de Limoeiro, no rio São Miguel. Essa senhora tinha, aproximadamente, 65 anos na época da entrevista. Infelizmente, Bontkes parece não ter conhecimento dos outros falantes de Puruborá, pois ele diz que havia somente essa falante da língua. Trata-se de uma lista bem menor que a de Koch-Grünberg, com apenas 49 palavras. A lista de Bontkes (1968.) e a utilizada neste trabalho são correspondentes; houve apenas quatro palavras da lista de Bontkes que não foram identificadas e uma palavra que foi identificada com significado diferente do encontrado em Bontkes (1968). Entretanto, há muitas palavras nas duas listas que apresentam diferenças nas vogais, como a palavra 'preto' que é *mikā* em Bontkes, mas *mīkā* neste trabalho. Outra diferença é o fato de várias palavras terminadas em consoante neste trabalho corresponderem a palavras com vogal final na lista de Bontkes, embora outras palavras apresentem consoante final a palavra 'ovo', que é *akap* neste trabalho e *akapo* em Bontkes (1968). Essas diferenças, no entanto, são pequenas e não comprometem a identificação das duas listas como sendo da mesma língua.

A terceira lista foi gravada em 1989 pelo lingüista do Museu Paraense Emílio Goeldi Denny Moore. Ele localizou três remanescentes Puruborá vivendo com suas respectivas famílias no município de Guajará-Mirim. Moore gravou na ocasião uma lista de itens lexicais em Puruborá. Cópias dessas fitas e suas respectivas transcrições encontram-se na coleção lingüística do Museu Goeldi. Infelizmente, naquela ocasião, depois de décadas sem falar Puruborá, segundo relato dos próprios índios, nenhum dos três conseguia mais falar a língua fluentemente. Juntos, porém, conseguiram lembrar de 130 palavras. Um dos falantes que trabalhou com Moore está também colaborando com esta autora. De modo geral, a lista de Moore e a atual são correspondentes, com algumas exceções a palavra 'cachorro', que é *abekɔ*, em Moore, e *amekɔ*, neste artigo. Correspondências desse tipo, porém, podem servir de confirmação para a análise apresentada abaixo.

Os dados que serviram de base para o presente trabalho foram coletados inicialmente nos meses de julho e dezembro de 2001 e julho de 2002, nas cidades de Guajará Mirim e Costa Marques, no estado de Rondônia. Serviram como principais informantes dois anciãos Puruborá de aproximadamente 70 e 80 anos, respectivamente. Em julho de 2001 foi gravada, independentemente, com os dois uma lista de palavras, totalizando 252 vocábulos e algumas frases. Em dezembro do mesmo ano, seguindo uma sugestão dos próprios Puruborá, reuniu-se os dois por um período de duas semanas, durante o qual puderam conversar e tentaram juntos recordar mais palavras em Puruborá. Dessas sessões de conversas entre os dois, que foram filmadas e gravadas, resultou uma lista maior, ampliando para um total de 490 palavras o *corpus* lingüístico disponível até então. Nesse período houve oportunidade de checar a lista gravada anteriormente e corrigir erros de transcrição e percepção. Infelizmente, depois de décadas sem falar a língua indígena correntemente, eles já não lembram de muitas palavras, porém, as que ainda lembram são ditas com clareza e na maioria das vezes sem titubeação, e seu empenho em tentar recordar as palavras que costumavam saber é tocante. Ambos foram falantes ativos de Puruborá quando jovens, sendo que o mais idoso conversava regularmente em Puruborá com seus pais até a década de 60, quando estes faleceram. Já o falante mais novo parou de falar Puruborá na década de 50, quando deixou pela última vez a região do rio Manoel Correia, onde morava com o pai. Na terceira viagem a campo, em julho de 2002, foi possível

entrevistar o falante mais idoso e verificar a transcrição de várias palavras, bem como averiguar possibilidades de variação alofônica. Embora nada se possa prever ou prometer nesse sentido, espera-se que os anciãos Puruborá consigam recuperar ainda mais a memória de sua língua e assim possibilitar uma documentação mais completa, propiciando um trabalho de descrição mais preciso e abrangente.

À medida que se continuava com o trabalho de documentação da língua Puruborá, os dois anciãos também continuavam a lembrar mais e mais palavras na língua. Dessa forma o *corpus* lexical em Puruborá foi ampliado para cerca de 700 vocábulos. Com base neste *corpus* de palavras lexicais e em algumas frases, este trabalho apresenta as unidades sonoras distintivas de palavras em Puruborá, suas realizações fonéticas, os contextos fonético-fonológicos que as condicionam e as evidências fonológicas que justificam o inventário de fonemas apresentado na Tabela 2. Esta primeira descrição das propriedades fonéticas e fonológicas da língua segue os princípios da fonologia clássica estruturalista (PIKE, 1947; MARTINET, 1968; TRUBETZKOY, 1970) e, em menor escala, da fonologia gerativa (KENSTOWICZ, 1994). A limitação de dados disponíveis permite somente uma descrição preliminar.

FONOLOGIA DA LÍNGUA PURUBORÁ

Sistemas fonético e fonológico

O sistema fonético da língua Puruborá possui 27 fones consonantais e 14 fones vocálicos, oito orais e seis nasais, conforme apresentado na Tabela 1.

No quadro fonético de consoantes, destaca-se a ocorrência da consoante implosiva bilabial – [ɓ] – e das consoantes ejetivas, alveolar [tʰ] e velar [kʰ].

No quadro fonético de vogais destaca-se a ocorrência de duas vogais centrais [ə] e [ɨ] e a existência de contraste entre as vogais posteriores [ɔ] e [u]; como será visto a seguir existe contraste fonológico entre essas vogais. Apesar de sistemas de som semelhantes existirem em línguas da família Tupi-Guarani (EIRÓ, 2002; GUEDES, 1990; MELLO, 2000; RODRIGUES, 1990) e também na língua Karo, da família Ramarama (GABAS JUNIOR, 1999), os mesmos não são comuns nas outras famílias Tupi.

Tabela 1. Sistema fonético do Puruborá

		Consoantes					Vogais Orais			
		Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal				
Oclusivas	Su	p	t		k	ʔ	Altas	i	ɨ	u
	So	pʰ	tʰ		kʰ					
Ejetivas			d		kʰ		Médias	ə	ɔ	o
			tʰ							
Implosivas		ɓ	d̥				Baixas		a	
Pré-nasaliz.		mb	nd							
Nasais		m	n	ɲ	ŋ					
Fricativas	Su			ʃ		h	Vogais Nasais			
	So	β		ʒ						
Africadas	Su			tʰ			Altas	ĩ	ɨ̃	ũ
	So			dʰ						
Líquidas			r				Médias	ẽ	ã	õ
Glides		w		j						
							Baixas		ẽ̃	õ̃

Tabela 2. Sistema fonológico do Puruborá

		Consoantes					Vogais Orais			
		Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal				
Oclusivas	Su	p	t		k	ʔ	Altas	i	ɨ	u
	So	b	d							
Implosivas		ɓ	ɗ				Médias		ə	o
								ɛ		
Nasais		m	n				Baixas		a	
Fricativas	Su			ʃ		h				
	So			(ʒ)						
Líquidas			r				Vogais Nasais			
Glides		w		j			Altas	ĩ	ɨ̃	ũ
							Médias	ẽ	ə̃	õ
							Baixas		ã	

A Tabela 2 apresenta o resultado da análise fonológica em termos de segmentos fonologicamente distintivos em Puruborá. O quadro fonológico de vogais reduz-se de 15 para 13 segmentos, sendo estes distribuídos entre sete vogais orais e seis vogais nasais. Já o quadro consonantal reduz-se de 27 para 14 segmentos, um dos quais – /ʒ/ – é bastante incerto, visto que ocorre uma única vez em nosso *corpus*: trata-se da palavra /aʒi/ 'guariba'. Uma característica que se sobressai é a ausência da oclusiva velar sonora /g/. Observe que, ao contrário de outras línguas Tupi, como Karo (GABAS JUNIOR, 1999) e Mekens (GALUCIO, 2001), que não possuem a oclusiva alveolar sonora /d/, Puruborá possui /d/, mas não possui /g/. É importante ressaltar que a série velar é a que apresenta mais lacunas no paradigma fonológico nesta língua. A consoante oclusiva sonora velar [g] é restrita à posição de coda silábica seguida de segmento [+sonorante], enquanto a nasal velar [ŋ] é restrita à posição de coda silábica, precedida de vogal nasal. Como será observado, postula-se que tanto [g] quanto [ŋ] sejam alofones de /k/ nesses ambientes.

ANÁLISE FONOLÓGICA DAS VOGAIS

VOGAIS ORAIS

Conforme indica a Tabela 2 acima, há sete vogais orais fonologicamente distintas em Puruborá /a, ɛ, i, ɨ, u, ɔ, u/, mas apenas seis vogais nasais. A diferença entre o quadro fonético e o quadro fonológico em termos de vogais são: a junção dos sons [ɔ] e [o] como alofones de um único fonema posterior médio, /ɔ/, e é a alocação do som [ɨ̃] como realização fonética do fonema central baixo [a]. A opção pelo som [ɔ] para representar o fonema posterior médio foi feita em razão de ser o mais freqüente dos dois alofones orais [ɔ] e [o], embora seu contraparte nasal seja o de timbre fechado [õ].

O contraste entre as sete vogais orais é facilmente identificado através de pares mínimos e análogos de palavras. A vogal baixa /a/ é a vogal mais freqüente no *corpus*; foram identificados pares mínimos envolvendo a vogal /a/ e todas as demais vogais.

Verificou-se contraste fonêmico entre as vogais centrais alta /i/ e média /ə/, conforme atesta o seguinte par mínimo: *típ* 'piolho' versus *təp* 'folha'. De modo geral, uma distinção entre essas duas vogais centrais, /i/ e

/ə/, não é comum entre as línguas Tupi, as quais costumam apresentar uma dessas duas vogais em seu quadro fonêmico, mas não ambas. Mesmo na família Tupi-Guarani, onde foi observado o maior número de casos, tal distinção não é comum. Por exemplo, entre as 35 línguas Tupi-Guarani cujos inventários fonológicos são reproduzidos em Mello (2000), somente três línguas (Xetá, Tembé/Guajajara e Araweté) são descritas como possuindo estas duas vogais centrais /i/ e /ə/. Excetuadas as línguas da família Tupi-Guarani, a única língua pertencente a uma outra família Tupi em que havia sido documentada tal distinção é a língua Karo, família Ramarama (GABAS JUNIOR, 1999).

Outra idiosincrasia do sistema vocálico Puruborá é a distinção fonêmica entre duas vogais posteriores, /u/ e /ɔ/. Apesar de não ter sido identificado nenhum par mínimo contrastando /u/ e /ɔ/, existem vários pares análogos. Além disso, as duas vogais ocorrem nos mesmos ambientes, não estando, pois, nem em distribuição complementar nem em variação livre.

O fonema /ɔ/ apresenta dois alofones – timbre aberto [ɔ] e timbre fechado [o] – sendo que o alofone de timbre fechado [o] ocorreu em poucos exemplos, geralmente no início de palavra, quando a mesma inicia com o prefixo de primeira pessoa o-. Há também poucas ocorrências do som [o] em ambiente diferente do descrito acima, mas estes variaram com [ɔ], por exemplo, a palavra [koko'i] ~ [kɔkɔ'i] 'tipo de gavião pequeno' e [βara'doj] 'calango tiju-açu'. É possível que com mais palavras possa-se entender melhor a distribuição dos sons [o] e [ɔ].

É importante ressaltar que a distinção fonológica entre duas vogais posteriores também não é comumente encontrada em outras línguas Tupi. Novamente, excetuando-se a família Tupi-Guarani, na qual essa distinção é comum para a maioria das línguas (EIRÓ, 2002; GUEDES, 1990; MELLO, 2000; RODRIGUES, 1990; SOARES; LEITE, 1991), somente três línguas de outras famílias Tupi foram descritas como possuindo a distinção entre duas vogais posteriores: Aweti, Sateré e Karo (DRUDE, comunicação pessoal; FRANCESCHINI, 1999; GABAS JUNIOR, 1999; SOARES; LEITE, 1991). Destas, as duas primeiras apresentam fortes semelhanças com as línguas da família Tupi-Guarani, enquanto Karo é bem mais diferenciada das línguas Tupi-Guarani e também a única das três falada em Rondônia.

Do ponto de vista comparativo, ressalte-se que o sistema fonológico vocálico do Puruborá, com sete vogais orais, é raro entre as línguas do tronco Tupi. A língua Tembé é uma das línguas da família Tupi-Guarani que apresenta um sistema fonológico semelhante (EIRÓ, 2002), fora desta família do tronco Tupi, somente a língua Karo, família Ramarama, apresentava esse sistema até então.

O contraste entre as vogais do Puruborá é evidenciado nos pares mínimos e análogos listados abaixo. Quando não foi possível identificar pares mínimos ou análogos que evidenciassem o contraste, consideramos evidências advindas da distribuição e contexto de ocorrência dos sons.

PARES MÍNIMOS E ANÁLOGOS ENVOLVENDO VOGAIS ORAIS

/a/ - /i/

/aʃa/	'irmão'
/aʃi/	'avó'
/ʃabe/	'roupa'
/ʃibe/	'pé'

/a/ - /ɛ/ - /ə/ - /i/ - /i/ - /u/

/ba/	'braço'
/bɛ/ [mbɛ] ~ [bɛ]	'caminho'
/bə/	'comprido como cipó'; (possível Classificador)
/mə/ [mbə] ~ [mə]	'cobrir'
/bi/ [bi]	'esperar'
/bik/	'quati; lontrinha'
/bu/	'tropeçar; bater em um pau com o pé'

/a/ - /i/ - /ə/ - /ɔ/

/tap/	'pêlo: pêlo pubiano'
/tip/	'piolho'
/təp/	'folha; cabelo'
/tɔp/	'ova (de peixe)'

/a/ - /u/

/baʃuka/	'gongo'
/buʃuka/	'pescoço'

/ɛ/ - /i/

/ʃɛka/	'pegar'
/ʃika/	'amolar, afiar'

/i/ - /ə/ - /i/

/bik/	'quati; lontrinha'
/bək/ - /bək-a/	'enrolar em alguma coisa'
[iʔbaj bək]	'enrolar peixe (na folha)'
/bək/	'meio cheio'
[ʃɛɾɛ ba bək]	'igarapé está um pouco cheio'
/bik/	'cair'
[ʔõn bi:k]	'eu caí'

/ɔ/ - /a/

/ʔɔ/	'ingerir'
/ʔa/	'fruta'

/ɔ/ - /ɛ/

/ɔapa/	'meu pai'
/ɛapa/	'teu pai'
/hɔɾɔa/	'velho'
/hɛɾɔa/	'verde'

/ɔ/ - /ə/	
/petɔ/	'grosso, espesso'
/petə/	'tabaco' ²
/ɔ/ - /i/	
/ʃɔʔa/	'molhar'
/ʃia/	'milho'
/ɔ/ - /u/	
/bɔpa/	'deitar'
/bia/	'fígado'
/aʃɔka/	'açúcar; cana-de-açúcar'
/baʃuka/	'gongo'
/pɔpɔp/	'coruja caboré'
/pupup/	'soprar'

VOGAIS NASAIS

É possível demonstrar que a nasalidade das vogais do Puruborá é fonológica, uma vez que a ocorrência de vogais nasais não está vinculada à proximidade de elementos nasais. Vogais nasais ocorrem não adjacentes a consoantes nasais e independente da presença de consoantes nasais no morfema e palavra. Além disso, não há evidência de espalhamento de nasalidade a partir de consoantes nasais, pois há contrastes entre vogais orais e nasais depois de [m] e [n]. A Tabela 3 lista vogais nasais não-contíguas a consoantes nasais.

Tabela 3. Vogais nasais não contíguas a consoantes nasais

/ʃāwak/	[ʃē'wakʷ]	'abelha'
/ɔaʃā/	[ɔaʃē]	'minha cabeça'
/eʔē'kap/	[ēʔē'kapʷ]	'amendoim'
/mɔtekēʔ/	[mɔte'kēʔ]	'lagartixa, briba'
/ɔʔika/	[ɔʔi'ka]	'meu dente'
/ʃikīw/	[ʃikīwʷ]	'(tipo de) gavião pequeno'
/hōri'kap/	[hōri'kapʷ]	'veneno extraído da semente de um tipo de cipó'
/hōʃō/	[hō'ʃō]	'mole'
hiwa hōʃō		'banana mole'
/makūj'kap/	[makūj'kapʷ]	'pimenta'
/wūāʃek/	[βūē'ʃekʷ]	'inchorido'
/aʃakījare/	[aʃakō'jare]	'tipo de anu branco-pedrez, tesourinha do campo'
/tīpka/	[tīp'ka]	'taboca para fazer flecha'

² Existem duas formas lexicais para 'tabaco' /petə/ e /beta/. Para evidências independentes de contraste (pares mínimos) entre /p/ e /b/ ver seção 'Pares mínimos e análogos envolvendo consoantes'.

Entre as vogais nasais, a vogal mais freqüente no nosso *corpus* é a vogal baixa /ã/, do mesmo modo que entre as vogais orais seu contraparte oral /a/ também é a mais freqüente. /ã/ é a única vogal que ocorre após todas as consoantes, exceto as consoantes sonoras [b, d, ɓ, ʒ], que nunca ocorrem diante de vogais nasais. A vogal central baixa nasal /ã/ é realizada como [ɛ̃], ou seja, é foneticamente mais alta que sua contraparte oral.

A vogal posterior alta /ũ/ parece ser a menos freqüente. Não identificamos nenhum par mínimo envolvendo /ũ/ e qualquer das outras cinco vogais nasais. Apesar disso, sua distribuição e contexto de ocorrência nos permitem analisá-la como fonologicamente distinta das demais vogais nasais, uma vez que não está em distribuição complementar nem em variação livre com nenhuma outra vogal. Por outro lado, a vogal central alta nasal /ɨ/, apesar de ocorrer em vários exemplos do nosso *corpus*, está geralmente contígua a uma consoante nasal, com raras exceções. Em alguns casos, esta vogal ocorre seguindo uma consoante nasal, em outros ocorre em uma sílaba fechada, cuja consoante em posição de coda é foneticamente uma consoante nasal, ainda que fonologicamente seja uma oclusiva surda. Essa distribuição pode ser decorrente da limitação do *corpus* ou uma propriedade intrínseca dessa vogal, que, então, não deveria ser analisada como intrinsecamente nasal. Inicialmente, opta-se por manter a vogal /ɨ/ no quadro fonológico de vogais nasais, com a indicação de que seu *status* fonológico precisa ser verificado à luz de mais dados.

Alguns pares mínimos e análogos evidenciando a oposição entre vogais orais *versus* vogais nasais e vogais nasais entre si são apresentados abaixo. Não conseguimos identificar no *corpus* pares mínimos ou análogos para evidenciar o contraste de todas as seis vogais nasais entre si. Apenas dois pares mínimos de palavras em que se evidencia o contraste, uma vogal oral e a vogal nasal correspondente, foram identificados, a saber, *afá* 'irmão' *versus* *afã* 'cabeça' e *fi* 'chicha; líquido' *versus* *fĩ* 'pequeno; miúdo'

PARES MÍNIMOS E ANÁLOGOS ENVOLVENDO VOGAIS NASAIS

/a/ - /ã/

/afá/	'irmão'
/afã/	'cabeça'
/kɔja/	'tocaia'
/kujã/	'podre'

/i/ - /ĩ/

/fi/	'chicha; líquido'
/fĩ/	'pequeno; miúdo'

/i/ - /ã/

/afi/	'avó'
/afã/	'cabeça'

/ɔ/ - /ɨ/

/ʔɔ/	'ingerir'
/ʔɨ/	'dançar'

/õ/ - /ẽ/

/ʔõt/	'eu'
/ʔẽt/	'tu'

/ã/ - /ẽ/ - /ĩ/

/amãt/	'chuva'
/mẽt/	'marido'
/mĩk/	'saúva'

/ẽ/ - /ĩ/

/anẽwã/	'queixada'
/panĩwã/	'sp. de pica-pau'

ANÁLISE FONOLÓGICA DAS CONSOANTES

Oclusivas Surdas

A realização fonética das consoantes oclusivas surdas é, em geral, paralela à de outras línguas Tupi. /p, t, k/ são realizados [p, t, k] em posição inicial de sílaba, diante de vogais orais e nasais. A oclusiva alveolar /t/ apresenta um alofone palatalizado [tʲ] diante da vogal anterior alta /i/, como na palavra /tidək/ [tʲi'dək] 'pente'.

/p, t, k/	[p, t, k]	\$___V
/pɔdɛ/	[pɔ'dɛ]	'nambu azul'
/tapĩ.aka/	[tapi).a'ka]	'testa'
/apĩka/	[apĩ'ka]	'caititu'
/tɔtat/	[tɔ'tat]	'lacrãia'
/mɔtãj/	[mɔ'tẽj]	'porco espinho'
/makũjkap/	[makũj'kap]	'pimenta'

Por outro lado, foi observada também a ocorrência dos sons ejetivos [pʰ, tʰ, kʰ], como mostra a Tabela 1. Esses sons ocorrem nos mesmos ambientes em que ocorrem as oclusivas surdas, ou seja, em posição inicial de sílaba diante de vogais orais e nasais. Analisando os exemplos de sons ejetivos, nota-se que esses sons alternam com sons não ejetivos e ocorrem em sílabas acentuadas. Uma análise mais detalhada revelou, ainda, que na maioria dos casos a consoante oclusiva inicial da sílaba acentuada é mais longa e apresenta maior amplitude na sua explosão que as consoantes equivalentes em sílabas não acentuadas. Em vista dessas duas propriedades, os sons ejetivos em Puruborá são analisados tentativamente como uma das realizações fonéticas das consoantes oclusivas surdas, em sílabas acentuadas. Entretanto, ressalta-se que uma análise mais detalhada, incluindo análise acústica, será realizada, a fim de se estabelecer conclusivamente o *status* fonético-fonológico desses segmentos.

As variantes não-explodidas [p̚, t̚, k̚] ocorrem em posição de coda silábica, precedidas de vogais orais, exceto se seguidas de consoante [+sonorante], quando ocorrem os segmentos oclusivos sonoros [b, d, g].

respectivamente. Esse é o único contexto em que há ocorrência de oclusivos sonoros em posição de coda, sendo que no caso da oclusiva velar é o único contexto de ocorrência dessa consoante na língua.

/p, t, k/	[p ^h , t ^h , k ^h]	V _{oral} ___ \$
/witap/	[βi'tap ^h]	'coruja'
/ʃɔʃɔtka/	[ʃɔʃɔt ^h ka]	'cará'
/tajuk/	[ta'juk ^h]	'carapanã; mutuca'
/p, t, k/	[b, d, g]	V _{oral} ___ \$C [+sonorante]
/bɛrɔpɔ/	[bɛrɔb'dɔ]	'meninos'
/idikbia/	[idʒigbi'a]	'macaco da noite'

Em ambiente de coda silábica, quando precedidos de vogais nasais não ocorrem os sons oclusivos surdos [p, t, k] mas somente suas contrapartes nasais [m, n, ŋ], respectivamente, exceto quando seguidos de consoantes surdas. Nesse ambiente, portanto, as consoantes nasais são analisadas como alofones das oclusivas surdas /p, t, k/.

/p, t, k/	[m, n, ŋ]	V _{nasal} ___ \$
/ʃaramĩp/	[ʃara'mĩm]	'papagaio'
/ʃɔkāt/	[ʃɔ'kɛn]	'tucano'
/kiĩk/	[ki'ĩŋ]	'seco'

Observe que os alofones [p^h, t^h, k^h] e [m, n, ŋ] estão em distribuição complementar. Os primeiros ocorrem somente após vogais orais, enquanto os segundos ocorrem somente após vogais nasais.

Se por um lado [p^h, t^h, k^h] podem ser considerados alofones lógicos de /p, t, k/, conforme atestado também em várias outras línguas Tupi (Aweti, Gavião, Karitiana, Karo, Mekens), [m, n, ŋ], nesse ambiente, poderiam tanto ser alofones de /p, t, k/ quanto de /m, n, ŋ/. De acordo com nosso conhecimento de línguas Tupi, podemos dizer que várias dessas línguas apresentam uma distribuição similar dos fones em questão, havendo uma neutralização da oposição entre consoantes oclusivas surdas e nasais em posição final de sílaba ou morfema, precedidas de vogais nasais³. Essa neutralização torna às vezes difícil decidir a natureza fonêmica dos fones [m, n, ŋ] em final de sílabas e de morfemas, o que só pode ser feito a partir de propriedades específicas de cada língua. Em Puruborá, uma propriedade do som velar [ŋ] ajuda a definir essa questão.

Enquanto [m] e [n] têm uma distribuição paralela à dos outros fonemas consonantais na língua, podendo ocorrer em posição inicial de sílaba, antes de vogais orais e nasais, [ŋ] somente ocorre em posição de coda, precedida de vogal nasal, ou seja, exatamente onde [k] e [k^h] não ocorrem. Muito embora essa restrição de ocorrência possa estar relacionada à limitação dos dados e não a uma propriedade da língua, opta-se pela última hipótese. Ou seja, faz-se a escolha de analisar [ŋ] como alofone de /k/ em posição de coda, precedido

³ Das cinco línguas citadas acima, a única que contrasta as séries /p, t, k/ e /m, n, ŋ/ nesse ambiente é Karo (GABAS JUNIOR, 1999).

de vogal nasal. A opção contrária, segundo a qual [ŋ] seria a realização de um fonema nasal /ŋ/, criaria uma lacuna até o momento injustificável no paradigma da língua, pois se [ŋ] fosse a realização fonética do fonema /ŋ/, este seria o único fonema consonantal que não ocorreria em posição inicial de sílaba. A hipótese sustentada aqui, de que [ŋ] somente ocorre enquanto alofone de /k/, tem, portanto, a vantagem de manter o paralelismo entre as consoantes, uma vez que todos os fonemas consonantais ocorrem iniciando sílabas. Já foi notado anteriormente que a série velar é deficitária na língua, pois também não há oclusiva velar sonora [g] entre os segmentos consonantais da língua.

Oclusiva Glotal

Puruborá apresenta uma distribuição restrita, mas não completamente predizível em relação à consoante oclusiva glotal /ʔ/. Encontra-se pares mínimos e análogos contrastando a oclusiva glotal [ʔ] com a ausência da mesma:

- | | | |
|----|-----------|-----------------------|
| 1. | /otʔaj/ | 'meu irmão' |
| | /otaj/ | 'minha esposa' |
| 2. | /baʃəkʔa/ | 'jaci (sp. palmeira)' |
| | /baʃuka/ | 'gongo' |

Dois pares mínimos envolvendo oclusiva glotal e outra consoante também foram identificados no nosso *corpus*, conforme os exemplos abaixo, onde a oclusiva glotal contrasta com a fricativa palatal, [ʃ].

- | | | |
|-----|-----------|------------|
| 3a. | /ʔ/ - /ʃ/ | |
| | /aʔi/ | 'preguiça' |
| | /aʃi/ | 'avó' |
| 3b. | /ʔ/ - /p/ | |
| | /bakεʔa/ | 'piquei' |
| | /bakεpa/ | 'quebrar' |

A oclusiva glotal pode ocorrer tanto em posição inicial (ataque silábico) quanto em posição de coda silábica, em posição inicial e medial, sendo, no entanto, mais freqüente nessa última. Existem poucos exemplos de [ʔ] em início de palavra, a maioria dos quais são monossílabos que, de outra forma, iniciariam em vogal ou seriam constituídos de apenas um som (4a). No entanto, optamos por manter a oclusiva glotal como fonema não predizível também nesse ambiente, uma vez que ocorre também em palavras não monossilábicas e uma vez que por existem em nosso *corpus* palavras iniciadas em vogal nas quais não ocorre a oclusiva glotal (4b).

- | | | |
|-----|--------|---------------|
| 4a. | /ʔip/ | 'pau; árvore' |
| | /ʔɔ/ | 'ingerir' |
| | /ʔi / | 'dançar' |
| | /ʔəka/ | 'casa' |
| 4b. | /apa/ | 'pai' |
| | /õã/ | 'irmã' |

Em posição intervocálica, inicialmente consideramos a hipótese de a oclusiva glotal ser inserida por regra para evitar a seqüência de vogais não permitidas pela fonotática da língua. Entretanto, essa hipótese não pôde ser mantida, uma vez que pelo menos três das seqüências vocálicas que ocorrem separadas pela oclusiva glotal também ocorrem sem a mesma, conforme ilustrado em 5a-c. Assim, considera-se a oclusiva glotal como fonêmica também nesse ambiente.

5a. /uruʔap/	[uruʔapʰ]	'boca'
/ʃuruaka/	[ʃuruaʔka]	'barriga'
5b. /baʃɔkʔa/	[baʃɔʔa] ~ [baʃɔkʔa]	jaci, espécie de palmeira'
/baʃɔa/	[baʃɔʔa]	'gordura'
5c. /aʔi/	[aʔi]	'preguiça'
/nabai/	[ndabaʔi]	'caba; maribondo'

Inicialmente haviam sido transcritos algumas palavras com oclusiva glotal final, porém, após verificação dos dados em etapas posteriores, essa ocorrência não foi confirmada. Assim, com base no *corpus* atual não se registram ocorrências de oclusiva glotal em posição final de palavra.

Oclusivas Sonoras, Implosivas e Pré-nasalisadas

O quadro das consoantes sonoras apresenta complexidades difíceis de resolver com base apenas em uma lista limitada de palavras. Apresentamos aqui nossas observações dos dados e as hipóteses sugeridas pela análise dos mesmos. Existem três séries de sons oclusivos sonoros, a saber, oclusivos sonoros plosivos [b, d], implosivo [ɓ] e pré-nasalisados [mb, nd]. Inicialmente havia sido identificada a ocorrência da implosiva alveolar [ɗ] em algumas palavras, porém, essa ocorrência não se confirmou durante a verificação posterior e revisão dos dados⁴.

A análise proposta inicialmente é a de que essas três séries de sons que haviam sido identificadas – [b, d], [ɓ, ɗ] e [mb, nd] – corresponderiam a três séries de fonemas, a saber, oclusivos sonoros /b, d/, implosivo /ɓ, ɗ/ e nasais /m, n/, respectivamente. Porém, com a ampliação e verificação *corpus*, além de não se confirmar a ocorrência de [ɗ], foi possível descartar a série de consoantes implosivas como fonêmica, conforme discussão dos dados a seguir.

Oclusivas Sonoras Plosivas e Implosiva

Ambas as oclusivas sonoras, plosivas e implosivas, somente ocorrem diante de vogais orais. Essa restrição das consoantes oclusivas sonoras encontra paralelo em outras línguas Tupi. Por exemplo, na língua Gavião,

⁴ A ocorrência de consoante implosiva alveolar nas palavras [i'dɔ] ~ [i'dɔ] 'fezes' e [tak'dɔ] ~ [tak'dɔ] 'quadril' não foi confirmada, após revisão dos dados.

da família Mondé, é raro encontrar consoantes oclusivas sonoras antes de vogais nasais (Moore, comunicação pessoal). Da mesma forma, na língua Mekens, da família Tupari, também existem poucos casos de oclusiva sonora diante de vogal nasal. Considerando que em Puruborá a distribuição das oclusivas sonoras parece ser ainda mais restrita, não há ocorrências das mesmas diante de vogais nasais.

As oclusivas sonoras plosivas [b] e [d] são as que possuem distribuição mais ampla, ocorrendo em posição inicial e intervocálica na palavra, diante de quase todas as vogais orais, conforme descrito abaixo. Inicialmente será discutida a distribuição dos sons oclusivos bilabiais, [b] e [β].

Uma análise inicial dos dados indicava que havia exemplos em que a consoante implosiva [ɖ] parecia alternar livremente com a consoante sonora plosiva [b] e outros em que parecia haver oposição entre as duas consoantes, em ambientes idênticos. Essa observação levou-nos inicialmente à postulação de duas séries de consoantes oclusivas sonoras /b, d/ e /ɖ/.

Entretanto, com a possibilidade de refazer a gravação e verificação dos dados com os dois falantes de Puruborá, foi possível entender melhor a distribuição dessas consoantes. Foi evidenciado que há uma distribuição complementar entre as consoantes bilabiais sonoras [b] e [ɖ] da seguinte forma. A consoante sonora plosiva [b] ocorre diante de todas as vogais exceto da vogal central alta [i], enquanto a consoante implosiva [ɖ] ocorre somente diante desta vogal, ou seja, apenas diante de [i], onde [b] não ocorre. Desta forma, há a seguinte distribuição.

O fonema /b/ realiza-se foneticamente como implosiva [ɖ] diante da vogal central alta [i] e como [b] nos demais ambientes, sendo que, em início de palavra, este segundo alofone [b] também pode variar com [mb], oclusiva pré-nasalizada, conforme apresentado na próxima seção. Exemplos mostrando a distribuição complementar entre [b] e [ɖ] são apresentados em (6a-b).

/b/	[β] [b]	___ [+voc, +central, +alta] t.o.l
6a. /bi/	[ʔi]	'esperar'
/bit/	[ʔit]	'longe'
/ʃi'βik/	[ʃi'βik]	'grávida'
6b. /nabai/	[ndaba'i]	'caba; maribondo'
/beɔra/	[beɔ'ra]	'comida'
/tabɛbɛra/	[tabɛbɛ'ra]	'jabuti'
/bik/	[bikʷ]	'quati'
/bɔɔɔap/	[bɔɔɔ'apʷ]	'cajá'
/aja'bo/	[aja'bo]	'tamanduá mambira'
/buʃurup/	[buʃu'rupʷ]	'preguiçoso'

A consoante oclusiva sonora alveolar /d/ tem distribuição semelhante à da oclusiva bilabial /b/, ocorrendo diante de vogais orais, em posição inicial e medial. Realiza-se foneticamente como [d] diante de todas as vogais, exceto da vogal anterior alta /i/, onde apresenta um alofone palatalizado [dʲ], assim como seu contraparte oclusivo surdo /t/. Exemplos ilustrando essa distribuição, podem ser verificados em 7a-b.

	/d/	[dʒ] [d]	___ [+ voc, + anterior, + alta] t.o.1
7a.	/hudidi/	[hudʒi'dʒi]	'grande'
	/idikbia/	[idʒigbi'a]	'macaco da noite'
7b.	/ʃe'det/	[ʃe'detʰ]	'martim-pescador'
	/bidət/	[bi'dətʰ]	'cheio'
	/idi/	[i'di]	'veado'
	/badɔp/	[ba'dɔpʰ]	'rato'
	/baʃadura/	[baʃa'dura]	'sp. de lagarta comestível'
	/diat-mēt/	[diʔi'atʰmēn]	'genro'

Conforme já apresentado na seção sobre oclusivas surdas, as realizações de [b] e [d] em posição de coda silábica são analisados como alofones das oclusivas surdas.

Oclusivas Sonoras e Pré-nasalisadas

Antes de iniciar a discussão sobre oclusivas sonoras e pré-nasalisadas e consoantes nasais, faz-se necessário uma observação sobre as idiosincrasias do trabalho com línguas em grande perigo de desaparecimento, como é o caso do Puruborá, o qual conta com apenas dois semi-falantes, com um nível melhor de fluência na língua, ambos idosos, com problemas de memória típicos da idade, além de grandes dificuldades em lembrar com detalhes uma língua que, apesar de ter sido sua língua nativa, não era falada por eles por mais de três décadas. Em função dessa situação, embora na maior parte do tempo os dois falantes tenham confidenciado na forma como estão lembrando as palavras e haja concordância entre os dois sobre as formas das mesmas, há certos contextos em que eles se confundem, corrigindo, várias vezes, pronúncias que antes haviam sido apresentadas como corretas e esquecendo de palavras que haviam lembrado em etapa anterior ou apenas horas antes. As palavras envolvendo consoantes nasais diante de vogais orais, consoantes pré-nasalisadas e oclusivas sonoras são justamente aquelas em que esse tipo de dúvidas, esquecimento e correções é mais freqüente. E essa situação dificulta sobremaneira o entendimento e análise desses segmentos na língua.

Em caráter ilustrativo, notamos um exemplo do tipo de alteração registrada na forma e no significado de palavras semanticamente relacionadas e que contêm os sons [b], [mb] ou [m] em oposição inicial diante de vogal oral. Trata-se da denominação de algumas palmeiras, sendo possível observar a mudança sofrida nas definições e na forma, em diferentes etapas da pesquisa, com os mesmos falantes.

Etapa 1:

<i>baʃɔka</i>	'gongo'
<i>maʃɔka</i>	'buriti'
<i>baʃɔkʔa</i>	'jaci, esp. de palmeira'

Etapa 2:	
<i>baʃɔka</i>	'buriti'
<i>maʃɔka</i>	'bacabinha'
<i>baʃɔkʔa</i>	'jaci, esp. de palmeira'
<i>baʃu'ka</i>	'gongo'
Etapa 3:	
<i>baʃɔ'ka</i>	'Sp. palmeira' (mas não lembram o nome em português)
<i>baʃɔ'ʔa</i>	'bacaba'
<i>baʃɔ'kʔa - baʃɔ'ʔa</i>	'jaci, esp. de palmeira'
<i>baʃu'ka</i>	'gongo'
Etapa 4:	
<i>mbaʃɔ'ka - maʃɔ'ka</i>	'bacaba'
<i>baʃɔ'k/a - maʃɔ'k/a</i>	'jaci, esp. de palmeira'
<i>akɔ'pa</i>	'buriti'
<i>baʃu'ka</i>	'gongo'
Etapa 5:	
<i>*baʃɔ'ka - *maʃɔ'ka</i>	—
<i>baʃɔ'ʔa</i>	'bacaba; bacabinha'
<i>baʃɔ'kʔa (maʃɔ'kʔa)</i>	'jaci, esp. de palmeira'
<i>akɔ'pa</i>	'buriti'
<i>baʃu'ka</i>	'gongo'

Em função desse contexto, torna-se muito difícil estabelecer uma forma correta para estas palavras, porém, aqui a tendência é considerar a última forma, apresentada na Etapa 5 acima, uma vez que com o trabalho de documentação lingüística que vem sendo realizado, tem ocorrido uma melhora no que os falantes conseguem lembrar, inclusive com correções propostas por eles para alguns dos vocábulos registrados nas primeiras etapas do trabalho, como é o caso em questão⁵.

Conforme dito anteriormente, os sons oclusivos sonoros [b] e [d] ocorrem somente antes de vogais orais. Em face dessa distribuição, considerou-se inicialmente tratar-se de alofones das consoantes nasais nesse contexto, como é amplamente atestado em diversas línguas do tronco Tupi, especialmente considerando-se que há uma variação envolvendo os sons [b, d], [mb, nd] e [m, n] diante de vogais orais, em Puruborá.

No entanto, foi identificado um par mínimo de palavras, que se distingue somente pela oposição entre [b] ou [mb] de um lado *versus* [m] de outro, o que nos leva a considerar a hipótese de duas séries de fonemas distintos, a saber as consoantes oclusivas sonoras /b, d/ e as consoantes nasais /m, n/, conforme será descrito a seguir. O par mínimo de constrate é apresentado a seguir:

⁵ Vale ressaltar, porém, que na lista apresentada por Koch-Grünberg (1932), consta a palavra *maʃɔka* listada como 'tucum', enquanto a palavra *yubayaʔ* é listada como sendo 'buriti'.

[bururu] ~ [mbururu] 'farinha'
[mururu] 'paneiro de palha de três lados' (geralmente usado para transportar farinha)

Embora haja uma relação de analogia referencial entre essas duas palavras, não se pode descartar o fato de que referem e denotam duas entidades distintas. Porém, esse par de palavras ilustra bem não somente a complexidade na distinção e o grau de relação intrínseca entre os segmentos [b, mb, m], mas também a difícil situação vivenciada pelo difícil estado, que se convencionou chamar de moribundo, da língua. Por esta razão inclui-se aqui uma nota explicativa, necessariamente longa demais para uma nota de rodapé. Inicialmente, a palavra [muru'ru] foi informada como sendo uma das três variantes da palavra para 'farinha' que teria três formas, ocorrendo em variação livre, a saber: [buru'ru], [mburu'ru] e [muru'ru]. No entanto, posteriormente, foi feita a correção de que [muru'ru] seria a palavra para 'paneiro de palha de três lados ou cantos, geralmente usado para transportar farinha', e que a palavra para 'farinha' teria apenas duas variantes possíveis [buru'ru] ou [mburu'ru]. Aceitando-se esta última definição e forma, há que se considerar a existência de contraste entre duas unidades fonêmicas, aqui referidas como /b/ e /m/.

Por outro lado, há que se explicar ainda a variação observada em algumas palavras, envolvendo as três séries acima mencionadas, [b, d], [mb, nd] e [m, n]. Apesar de as consoantes nasais /m, n/ ocorrerem diante de vogais nasais e orais e de existirem pares análogos e pelo menos o par mínimo referido acima confirmando o contraste entre as oclusivas orais e nasais, há também registros de variação tanto na série bilabial quanto na série alveolar, diante de vogal oral.

Em geral, essa alternância ocorre em início de palavra, porém há dois exemplos de alternância medial na série bilabial⁶. Essa variação ocorre, no entanto, de forma muito restrita nos dados disponíveis, especialmente na série alveolar.

A Tabela 4 apresenta alguns vocábulos onde se verificou tal alternância na série bilabial. Os espaços em branco nas colunas indicam ausência de informação sobre possibilidade da respectiva forma ocorrer, formas marcadas com um (*) indicam que os vocábulos específicos não apresentam tal variante e as formas entre parênteses são formas que foram consideradas possíveis e negadas posteriormente.

A Tabela 5 ilustra o mesmo tipo de variação na série alveolar, envolvendo [d], [nd] e [n]. O número de exemplos é bem menor que na série bilabial, possivelmente devido ao fato de as consoantes alveolares terem uma amostragem reduzida no nosso *corpus*.

Conforme já referido, essa alternância entre consoantes nasais e pré-nasalisadas só é possível diante de vogais orais, e não diante de vogais nasais. Por outro lado, as consoantes nasais [m, n], conforme demonstrado na Tabela 6.

Neste ponto é importante notar que embora, de um modo geral, as consoantes pré-nasais não ocorram diante de vogais nasais, há uma única palavra registrada no *corpus* de [mb] e [nd], ambas diante de vogais nasais na mesma palavra. Trata-se da palavra [mbũdẽrũ] 'apa, tipo de abano grande e redondo, feito da

⁶ Na palavra *anẽmba* - *anẽma* 'voltar; sair', a variação não foi verificada na fala espontânea. A forma apresentada foi [anẽmba], mas quando se pergunta se poderia dizer também [anẽma], o falante respondeu 'talvez sim', mas insistiu que 'o certo mesmo é [anẽmba]'.

Tabela 4. Variação alofônica na série bilabial, envolvendo [b], [mb] e [m].

[b]	[mb]	[m]	
ba	m̥ba	*ma	'braço'
bia	m̥bia	*mia	'figado'
	m̥burua	*murua	'pedra'
baba	m̥baba		'nambu preta'
biʃaka	m̥biʃaka		'calcagnar'
bɛʔɔra	m̥bɛʔɔra		'comida'
bururu	m̥bururu	(mururu)	'farinha'
biʃiʔip	m̥biʃiʔip	(miʃiʔip)	'borrachudo'
bɛ	m̥bɛ	(mɛ)	'caminho'
baika	m̥baika	(maika)	'flecha pequena'
ɔɛɔa	m̥bɛɔa	mɛɔa	'criança grande'
	m̥bɛɔɛ	mɛɔɛ	'pequeno; criança pequena'
barawa	m̥barawa	marawa ⁷	'traíra'
ɔɔjɔja		mɔjɔja	'rã pequena'
		mɔjmɔja	
	m̥banɛɛ	manɛɛ	'peneira'
	anɛmba	anɛma	'voltar;sair'
	m̥bakarɛ	makarɛ	'mamão'
	m̥bakũjkap	makũjkap	'pimenta'

Tabela 5. Variação alofônica na série alveolar, envolvendo [d], [nd] e [n]

[d]	[nd]	[n]	
daba'i	ndaba'i	naba'i	'caba, maribondo'
dabi'a	ndabi'a	nabi'a	'tucandeira'
ɔɔ'ɔk	ndɔ'ɔk		'engolir'
	ndabə	nabə	'cipó'
	ɔnderɛ	onɛɛ	'socó-boi, sp.de ave'

Tabela 6. Consoantes nasais diante de vogais nasais

[b]	[nm]	[m]	
**	*m̥bĩk	mĩk	'saúva'
**	*m̥bɛtɛ	mɛtɛ	'esteira'
**	*m̥bĩrikap	mĩrikap	'inajá'
**	*m̥bɛj	mɛj	'vamos: exortativo'
[d]	[nd]	[n]	
**	*ndɛmĩʃɛ	nɛmĩʃɛ	'lenha'
**	*andɛwɛ	andɛwɛ	'queixada'
**	*tandĩ	tanĩ	'anta'
**	*pɛndĩβɛ	pɛndĩβɛ	'pica-pau da cabeça vermelha'

⁷ Os falantes concordaram com [marawa], mas disseram que o "nome mesmo é [mbarawa]".

mesma tala de que é feita a peneira, e usado para abanar coisas do tipo, arroz, milho, café'. Esta palavra é duplamente interessante, primeiro porque mostra a ocorrência das consoantes pré-nasais nesse ambiente, segundo porque é claramente derivado da palavra para 'peneira' [m̃ñēr̃]. Porém, por ser o único registro dessa ocorrência e mostrar essa relação estreita com a palavra para 'peneira', consideraremos a mesma como uma exceção até que se possa confirmar, pelo menos com o segundo falante da língua. Caso se confirme, teríamos necessariamente um par próximo de um par mínimo, a saber, /m̃ñēr̃/ 'peneira' e /b̃ād̃ēr̃/ [mb̃ānd̃ēr̃] 'apa, tipo de abano', fazendo com que seja ampliada a distribuição de ocorrência das consoantes oclusivas sonoras. Ressaltamos, como mencionado na seção anterior, que em outras línguas do tronco Tupi, como Gavião e Mekens, a ocorrência de oclusivas sonoras diante de vogais nasais é rara, porém, possível.

Considerando a distribuição dos fones oclusivos orais, pré-nasalizados e nasais, a existência de um par mínimo contrastando [b]/[mb] com [m] – [bururu]/[mbururu] 'farinha' versus [mururu] 'paneiro de três lados' – e a variação envolvendo essas três séries de sons, como apresentado nas Tabelas 4, 5 e 6, a hipótese de análise mais provável parece ser de que existem duas séries de fonemas na língua, as quais apresentam um alofone em comum, ou seja, teríamos uma série de consoantes oclusivas sonoras /b, d/ e uma série de consoantes nasais /m, n/, sendo que ambas possuem como uma de suas realizações fonéticas os fones pré-nasalizados [mb, nd], distribuídos conforme exposto em seguida.

De um lado, a série pré-nasal [mb, nd] pode ocorrer como realização fonética dos fonemas oclusivos sonoros /b,d/ em início de palavra diante de vogais orais – nesse caso ocorre em variação livre com [b, d] – e diante de vogais nasais, se considerarmos válido o único exemplo dessa ocorrência – /b̃ād̃ēr̃/ 'apa, tipo de abano'. Por outro lado, a mesma série pré-nasal [mb, nd] pode ocorrer também como realização fonética dos fonemas nasais /m, n/, antes de vogal oral, nesse caso em variação livre com [m, n], respectivamente.

Assim, no atual estágio da língua, parece haver uma convergência em que duas séries de consoantes, as oclusivas sonoras /b, d/ e as nasais /m, n/ podem apresentar alofones idênticos – [mb, nd] – em ambientes idênticos, ou seja, diante de vogais orais, em início de palavras. Vale ressaltar que apesar de ser permitido a alternância com as consoantes pré-nasais tanto na série bilabial quanto na série alveolar, observou-se uma preferência para a pronúncia com a consoante nasal, especialmente na série bilabial. O falante sempre apresentava as palavras com a variante nasal e somente quando perguntado da possibilidade de pronunciar a mesma palavra com a variante pré-nasal é que concordava ou repetia utilizando o alofone pré-nasal, em geral com a ressalva de que "quem sabe já vai entender qual é a palavra" ou em outras ocasiões, aceitava a variante pré-nasal, mas ressaltava que melhor seria com a consoante nasal.

Existem também alguns poucos exemplos, em que parece ser possível uma variação homogênea entre as três séries, como a palavra para 'jacaré', que algumas vezes foi dita que poderia ser [baʃa] ou [mbaʃa], mas não [maʃa] e na última verificação foi confirmado que também poderia ser [maʃa]. Casos como esse, se forem confirmados, apontam para a série nasal, que estaria em uma tendência de desnasalização m > mb > b. Novamente seria necessário testar cada uma das ocorrências dessas três séries de sons, a fim de verificar-se as lacunas existentes na possibilidade de variação alofônica confirmam-se, especialmente no caso da série alveolar, onde há menos informação. No momento, essa hipótese de duas séries fonêmicas /b, d/ e /m, n/, que apresentam uma convergência em um de seus alofones, é a que melhor explica os dados e será nossa hipótese de trabalho a ser verificada à luz de mais dados sobre a língua.

Nasais

As consoantes nasais /m,n/ ocorrem em posição inicial ou medial na palavra, diante de vogais orais e nasais. No entanto, não foram identificados pares mínimos que evidenciassem o contraste entre vogais orais e nasais depois de consoantes nasais. Apresenta-se em 10a-c os únicos exemplos que se aproximam de um par minimamente contrastivo nesse contexto, ou seja, /m, n/ antes de vogais orais *versus* /m, n/ antes de vogais nasais. É importante ressaltar que não há muitas ocorrências de consoantes nasais no *corpus*, especialmente reduzidas são as ocorrências da consoante nasal alveolar [n]. É possível que com mais dados sejam encontradas maiores evidências do contraste entre vogais orais e nasais seguindo consoantes nasais.

10a.	/jãmeʔap/ /jãmẽ/	[ɲẽmɛ'ʔapʔ] [ɲẽ'mẽ]	'bico (de pássaro)' 'vagina'
10b.	/maʃapɛ/ /mãjãʔap/	[ma`a'pɛ] [mẽɲã'ʔapʔ]	'nambu uru' ⁸ 'ouricuri' (possivelmente 'fruto do ouricuri')
10c.	/anikap/ /añik/	[ani'kapʔ] [a'nĩŋ]	'rede' 'minhoca; verme'

Conforme discussão apresentada na seção anterior, os fonemas nasais apresentam dois alofones, distribuídos da seguinte forma: diante de vogais nasais ocorrem somente os alofones nasais [m, n]; enquanto diante de vogais orais é possível haver alternância entre os alofones nasais [m, n] e os oclusivos pré-nasais [mb, nd].

De acordo com a proposta de análise das oclusivas surdas, os fonemas /m, n/ não ocorrem em posição de coda, uma vez que os sons nasais [m, n] nesta posição são analisados como alofones das oclusivas surdas /p, t/ depois de vogais nasais, da mesma forma que o fone nasal velar [ŋ] é alofone da oclusiva velar surda /k/ na mesma posição. De forma que não há contraste entre oclusivas surdas e nasais em posição de coda silábica. Nessa posição os sons oclusivos surdos não-explodidos [pʔ, tʔ, kʔ] estão em distribuição complementar com os sons nasais [m, n, ŋ].

Fricativas

As consoantes fricativas palatal, /ʃ/, e glotal, /h/, realizam-se [ʃ] e [h] em todos os ambientes em que ocorrem. Ambas ocorrem somente como ataque silábico, diante de vogais orais e nasais, conforme ilustrado em 11a-b.

11 a. /ʃ/		11 b. /h/	
[ʃi'a]	'milho'	[mẽ'hĩ]	'mentiroso'
[ʃe'detʔ]	'martim-pescador'	[hɛɾɔ'a]	'verde'
[aʃu'kur]	'tamanduá bandeira'	[taha'nĩ]	'cêra'
[ʃi'bitʔ]	'piranha'	[hi'wa]	'banana; patauá'
[ʃẽ'wakʔ]	'abelha'	[hõj]	'cachorro do mato'
[a'ʃẽ]	'caranguejo'	[muru'hũn]	'velhinho'

⁸ Existe uma outra forma alternativa para essa mesma palavra: /maʃapɛɛ/.

Conforme mencionado anteriormente, a fricativa palatal sonora [ʒ] ocorre uma única vez no *corpus*, ainda assim, manteve-se /ʒ/ tentativamente no quadro de fonemas consonantais do Puruborá, pois não existe evidência de relação alofônica com nenhum outro fonema da língua. Não foram encontrados pares mínimos de contraste entre as fricativas palatais surda [ʃ] e sonora [ʒ], somente os pares análogos em 12.

12. /ʒ/ - /ʃ/	
[a'ʒi]	'guariba'
[a'ʃi]	'avó'
[i'ʃi]	'menstruação'

Tepe

O tepe /r/ ocorre em início de sílaba, em posição intervocálica. Apresenta um alofone nasalizado [ɾ̃] quando ocorre entre vogais nasais. Há dois únicos exemplos no *corpus* em que /r/ ocorre em posição de coda. Trata-se das palavras [aʃu'kur] 'tamanduá bandeira' e [aʃa'kɪr] 'saúva tanajura'. Alguns exemplos de /r/ são listados em 13.

13. /murutu/	'capivara'
/baʃari/	'galinha'
/pẽẽ'rɛk/	'espécie de pica-pau'
/makarã/	'mamão'

Glides

A consoante bilabial /w/ tem dois alofones [w] e [β], sendo que [β] é uma consoante fricativa bilabial não-arredondada. Inicialmente, os dois alofones pareciam estar distribuídos de acordo com o ambiente. Entretanto, uma observação mais detalhada dos dados revelou tratar-se de variação livre, foram registrados exemplos de alternância entre os dois alofones, nos mesmos vocábulos e diante de todas as vogais. Há um único exemplo de [β] diante da vogal posterior alta, e para esse exemplo não há informação sobre a possibilidade de alternância com [w]. Exemplos são apresentados em 14.

14. /witap/	[βi'tap̃]	[wi'tap̃]	'mutum'
/wi/	[βi]	[wi]	'sair'
/ʃiwə/	[ʃi'βə]	[ʃi'wə]	'homem'
/wia/	[βi'a]	[wi'a]	'machado'
/tiwa/	[ti'βa]	[ti'wa]	'comprido'
/nawɔp/	[na'βɔp̃]	[na'wɔp̃]	'vento'
/awɔk awɔk/	[a'βɔk̃ a'βɔk̃]	[a'wɔk̃ a'wɔk̃]	'sp. tucano pequeno'
/wũʃɛk/	[βũã'ʃɛk̃]		'(pessoa) inchirida'

Os dois alofones, [w] e [β], ocorrem predominantemente diante de vogais orais, porém, há alguns exemplos de ocorrência de ambos antes de vogais nasais ou nasalizadas, listados em 15. A ausência da segunda variante para os vocábulos abaixo indica somente que não há evidência positiva sobre sua ocorrência, ou seja, ela não foi registrada nos dados disponíveis até o momento.

/p/ - /b/ - /w/ - /ʃ/

api'a	'pama'
bi'a	'fígado'
wi'a	'machado'
ʃi'a	'milho'

ɔa'pa	'meu pai'
ɔa'wa	'minha perna'
ɔa'ʃa	'meu irmão'
ɔa'bap	'meu avô'

/p/ - /b/

'pə	'colocar dentro; por'
'bə	'comprido, como cipó'

tapi'a	'sentar'
dabi'a	'tucandeira'

/p/ - /m/

pakɔ'ja	'mulher'
ma kɔ'ja	'tocaiar; fazer tocaia'

para'wa	'arara de peito amarelo; maracanã'
mara'wa	'traíra'

/p/ - ø

tɔ'ka	'olho; sol'
tɔ'kap	'rosto'

/p/ - /ʃ/

ʃɔ'ap	'nambu galinha'
ʃɔ'aj	'líquido derramado'

/b/ - /m/

buru'ru	'farinha'
muru'ru	'paneiro de três lados'

bik	'quati'
mĩk	'saúva'

/b/ - /h/

buru'a	'pedra'
huru'a	'novo; jovem' [abitʔaj hurua] 'rapaz novo'

/b/ - /w/
 bək bək
 a'wək a'wək

'coruja bode; brocar roça'
 'espécie de tucano pequeno'

/b/ - /d/
 bə'pa
 də'pa

'deitado; deitar'
 'ver'

/p/ - /t/ - /ʃ/
 əa'pa
 a'ta
 əa'ʃa

'meu pai'
 'cair'
 'meu irmão'

a'top
 a'tot

'cunhado'
 'bonito'

/t/ - /d/ - /p/ - /ʃ/

tə're
 de're
 pe're
 ʃe're

'amanhã; dia seguinte'
 'curador; pajé'
 'ruim'
 'água'

tɨ'wa
 də'wa

'comprido'
 'quente'

a'top
 ba'dəp

'cunhado'
 'rato'

/t/ - /ʃ/

ta'be
 ʃa'be

'pele; casca; tipóia'
 'roupa'

/t/ - /k/

bət
 bək

'possuir, ter'
 'enrolar (em alguma coisa)'

ətaj
 kaj

'minha esposa'
 'escarro'

/t/ - /r/

muru'tu
 muru'ru

'capivara'
 'paneiro de palha de três lados ou cantos'

/t/ - /h/	
ta'nĩ	'anta'
ha'nĩ	'resina'
tĩ'wa	'comprido'
hi'wa	'banana; patauá'
/d/ - /ʃ/	
i'di	'veado'
i'ʃi	'menstruação'
/k/ - /j/	
kɔ'kɔ	'tio'
jɔ'kɔ	'poraquê'
/k/ - /w/	
ʃɛk	'buraco'
ʃɛw	'escuro'
/m/ - /n/	
mĩk	'saúva'
a'nĩk	'minhoca'
/m/ - /w/	
anēmã	'chegar'
anēwã	'queixada'
/j/ - /h/	
jã'mē	'vagina'
hã'mē	'cadê?'
/j/ - /w/	
hi'ja	'gia'
hi'wa	'banana; patauá'
/j/ - /ʃ/	
ki'jɔ	'urucum (fruta ou árvore)'
ki'ʃɔ	'bastão de massa de urucum'
ʔ - ʃ	
a'ʔi	'preguiça'
a'ʃi	'avó'

ʔ - ø

ɔ't/aj 'meu irmão'
 ɔ'tay 'minha esposa'

baʃɔ'k/a 'palmeira jaci'
 baʃu'ka 'gongo'

ACENTO

Em geral, Puruborá apresenta acento fixo, ocorrendo na última sílaba da palavra, conforme ilustrado em 18.

18. [pɔ'dɛ] 'nambu azul'
 [ʃɛ'dɛtʔ] 'martim-pescador'
 [apɨ'ka] 'caititu'
 [pakɔ'ja] 'mulher'

Encontramos algumas exceções listadas abaixo (19), onde o acento ocorre na penúltima sílaba da palavra.

19. [pa'nɨwɛ] 'esp. de pica-pau'
 [araba'diwa] 'carauaçu'
 [wara'baja] 'quatipuru'
 [kɔn'kɔrã] 'cigarra'

Essas palavras têm em comum o fato de a última sílaba iniciar com uma sonorante /w, j, r/, sendo a palavra para 'cigarra', /kɔtkɔrã/, uma reduplicação do tipo CVC CVC. É possível que a ocorrência do acento na penúltima sílaba dessas palavras possa ser explicada por uma regra que faz com que o acento ocorra na penúltima sílaba se a última sílaba iniciar por uma consoante do tipo /w/, /j/ ou /r/. Existem, no entanto, palavras na língua que apresentam esse mesmo tipo de sílaba final, mas mantêm o padrão geral de acento final, conforme exemplificado em 20.

20. [ʃapɛ'wɛ] 'perna'
 [ʃuku'ɨɛ] 'unha'
 [ʃapɛ're] 'tatu 15 kg.'

As informações morfológicas que possuídas não nos permitem afirmar se as palavras em 19 e 20 são ou não casos de derivação ou composição, o que poderia explicar a diferença no padrão de acento apresentado. Como em várias outras questões abordadas neste artigo, há necessidade de mais informações sobre o padrão acentual, para que seja possível apresentar uma análise conclusiva a esse respeito. Para o presente trabalho, uma vez que o padrão de acento final apresentado pelas palavras em 18 e 20 é muito mais freqüente que o padrão apresentado em 19, o qual ocorreu em menos de dez palavras do *corpus*, consideraremos as palavras com acento na penúltima sílaba, como em 19, exceções ao padrão acentual de sílaba final, pelo menos até que se tenha informações mais esclarecedoras sobre o assunto.

FONOTÁTICA

ESTRUTURA SILÁBICA

A estrutura da sílaba em Puruborá é (C)V(C), ou seja, a sílaba tem um núcleo obrigatório, composto por uma vogal, uma consoante inicial e uma coda silábica opcionais. Dessa forma, a menor estrutura silábica é formada, exclusivamente, por uma vogal. Exemplos de cada um dos possíveis tipos silábicos são listados abaixo. O ponto indica fronteira silábica.

V	/a.pi.ka/ /i.di/	'caititu' 'veado'
CV	/bi/ /ʃɛ.rɛ/	'esperar' 'água'
CVC	/tap/ /hõj .hõj .ap/	'pêlo: cabelo' 'bando de cachoro do mato'
VC	/aj.pɔ.tɔ.a/	'jurití cinzenta'

Não existem núcleos complexos em Puruborá, as únicas ocorrências de seqüências de dois elementos [+vocálicos] na mesma sílaba envolvem sempre os sons *i* ou *u*, como um dos dois elementos. Nesses casos, esses sons - *i* e *u* - são melhor analisados como as consoantes, /j/ e /w/ respectivamente, como explicitado abaixo.

DISTRIBUIÇÃO DE CONSOANTES

Todas as consoantes ocorrem em posição inicial de sílaba (C₁), sendo que as consoantes /r/ e /ʒ/ não ocorrem em início de palavra. Em posição de coda silábica (C₂) ocorrem somente as oclusivas surdas /p, t, k, ʔ/ e as aproximantes /j, w/, sendo que a aproximante bilabial /w/ não ocorre no *corpus* em posição C₂ de sílaba não-final. Há dois exemplos do tepe /r/ em C₂, a saber, /aʃjukur/ 'tatu canastra' e /aʃakir 'saúva tanajura', como visto anteriormente.

PADRÕES DE OCORRÊNCIA DE SEGMENTOS

Seqüências de Consoante –Vogal (CV)

Não há restrições nas seqüências de CV, todos os fonemas consonantais podem ocorrer em posição inicial de sílaba, embora nem todas ocorram em início de palavra. Na série oclusiva todas as combinações de consoantes e vogais foram encontradas. Por outro lado, na série nasal, a consoante bilabial /m/ apresentou uma distribuição mais ampla, ocorrendo com todas as vogais, enquanto /n/ não ocorreu com as vogais orais /u/, /ə/, /i/, embora ocorra com suas contrapartes nasais. Essa aparente restrição de distribuição da consoante alveolar /n/ pode ser devida ao tamanho reduzido do *corpus* e ao fato de as ocorrências de /n/ corresponderem a somente cerca de um terço das ocorrências de /m/.

Na série fricativa, as duas consoantes /ʃ/ e /h/ ocorrem com todas as vogais orais, exceto /ə/, mas apresentam uma baixa freqüência diante de vogais nasais. A fricativa palatal /ʃ/, apesar de ser um fonema bem freqüente na língua, ocorreu somente com as vogais nasais, /ã/, /ẽ/ e /ĩ/. A mesma tendência verificou-se com a fricativa glotal /h/, embora tenha ocorrido com quatro das seis vogais nasais, /ã/, /ĩ/, /õ/ e /ũ/.

O tepe /r/ ocorre com todas as vogais, a única seqüência não registrada foi o tepe diante da vogal central alta nasal [rĩ]. A distribuição de ocorrência das aproximantes /w/ e /j/ com segmentos vocálicos não é paralela entre si. Enquanto a consoante bilabial /w/ ocorre com todas as vogais orais, exceto /u/, não foram encontrados exemplos de /j/ com as vogais orais /ə/ e /ĩ/. Com relação a vogais nasais, /w/ somente não ocorreu com a vogal posterior média /õ/, enquanto /j/ não foi registrado diante de /ẽ/, /ĩ/ ou /õ/.

Seqüências de Vogais

É comum em Puruborá encontrar duas vogais ocorrendo em sílabas separadas (hiato), como ilustram as seguintes seqüências vocálicas. O ponto indica fronteira silábica.

ai	[da.ba.'i]	'caba; maribondo'
aɔ	[ba.'ɔ]	'corujão'
ɛa	[ɛ.a.'bapʰ]	'teu avô'
ia	[da.bi.'a]	'tucandeira'
ĩa	[ta.ɸĩ.a.'ka]	'testa'
ɔa	[baɸɔ.'a]	'lavar'
ɔã	[ɸɔ.kɔ.'ẽ]	'estômago'
ɔɛ	[ɔ.ɛ.'pa]	'eu chorei'
oi	[ko.ko'.i]	'espécie de gavião' ¹⁰
õã	[õ.'ẽ]	'irmã'
ua	[bu.ru.'a]	'pedra'

Há, entretanto, casos de seqüências vocálicas ocorrendo na mesma sílaba. Tais seqüências tautossilábicas envolvem os sons *i* ou *u* como um dos elementos da combinação vocálica, (V + i, u) ou (i, u + V). Esse tipo de combinação é ambígua entre, pelo menos, duas análises. Uma possibilidade é analisar os fones *i* e *u* como vogais /i/ e /u/, e, então, teríamos uma análise em termos de seqüências vocálicas (VV) em uma mesma sílaba. Outra possibilidade é analisar tais ocorrências de *i* e *u* como consoantes /j/ e /w/, produzindo uma seqüência do tipo (CV) ou (VC).

Optamos por analisar as ocorrências de (V + i, u) e (i, u + V) como seqüências de (VC) e (CV), respectivamente, em detrimento da análise em termos de seqüência de vogais, com base nos seguintes argumentos: somente os elementos *i* e *u* ocorrem nessa estrutura, não sendo encontrada nenhuma outra seqüência tautossilábica de vogais; analisar esses elementos como os glides /j/ e /w/ não altera o padrão silábico da língua, nem quando precedem nem quando seguem o núcleo silábico, uma vez que CV e VC são padrões existentes independentemente na língua; e nas seqüências do tipo (i, u + V), os elementos *i* e *u* nunca são precedidos por consoante (C). Se admitíssemos, portanto, as seqüências do tipo (i, u + V) como seqüências de duas vogais, teríamos que estipular que /i/ e /u/, quando seguidos de vogal na mesma sílaba não podem ser precedidos por consoante, o que seria uma estipulação *ad hoc* somente para essas seqüências.

Além desses argumentos, analisar os elementos *i* e *u* das seqüências do tipo (V + i, u) e (i, u + V) como as vogais /i/ e /u/ implicaria em admitir a existência de palavras contendo seqüências de quatro e até cinco

¹⁰ Também [kəkɔ'i], com a variante de timbre aberto [ɔ], como observado anteriormente.

vogais, que de outro modo não ocorrem na língua. As seguintes palavras ilustram este último ponto. Palavras como /jiauw/ 'arraia', /ajawak/ 'branco', /majōāj/ 'calango', /bujujap/ 'calor' teriam que ser analisadas como /iiau/, /aiauak/, /maiōāi/ e /buiuiap/, ou seja, criar-se-ia seqüências longas de vogais que não são atestadas de outra forma. Embora, como notado por um referee anônimo, este último argumento não destaca núcleos silábicos, ele reforça os três primeiros argumentos.

Em suma, a análise dos elementos *i* e *u* nas seqüências do tipo (*i, u + V*) e (*V + i, u*) como as consoantes /j/ e /w/ conforma-se ao padrão silábico da língua sem restrições, uma vez que tanto sílabas CV quanto VC constituem sílabas bem formadas na língua. Por outro lado, a análise contrária acarretaria na necessidade de se fazer estipulações *ad hoc* para explicar as restrições de estrutura silábica que resultariam.

Seqüências de Consoantes

Exceto pelas variantes pré-nasalisadas [mb] e [nd] dos fonemas nasais /m, n/ e oclusivos sonoros /b, d/, não existem encontros consonantais ou seqüências de consoantes em início de palavras, embora ocorra em início de morfema a seqüência [tʔ] e, possivelmente, outras seqüências envolvendo uma oclusiva surda seguida de oclusiva glotal, conforme mostra o exemplo (21).

21. [ɔ'tʔaj] 'meu irmão'

As demais seqüências de consoantes, mesmo as que ocorrem em posição medial, são analisadas como em sílabas separadas, uma vez que elas nunca ocorrem em monossílabos nem em início de palavra ou, ainda, final de palavra. Assim, nas seqüências de consoantes mediais, trata-se sempre de uma consoante na coda da sílaba precedente e outra no início da sílaba seguinte, exceto para os casos do exemplo em 21, cuja seqüência consonantal ocorre em início de morfema.

A seguir estão listadas algumas das seqüências de consoantes documentadas em nosso *corpus*, note-se que todas ocorrem em sílabas separadas. Os casos de possível fronteira de morfema e os exemplos claros de seqüências de consoantes que resultam de reduplicação da raiz estão em itálico>. A transcrição dos exemplos abaixo é fonética, não fonológica. O ponto indica fronteira silábica. A composição das palavras reduplicadas ainda não está entendida, faz-se necessário definir para cada caso se trata-se de uma palavra ou duas.

<i>jh</i>	[hōj̃.hōj̃.'ʔap̃]	'bando de cachorros do mato'
<i>jʔ</i>	[hōj̃.hōj̃.'ʔap̃]	'bando de cachorros do mato'
	[ɔj.ʔɔ'a]	'juriti do rabo branco'
<i>jk</i>	[kuj.'kuj]	'remo'
<i>jt</i>	[sɨ.bi.j.'ta]	'tucandeira preta'
<i>jp</i>	[aj.pɔ.tɔ.'a]	'juriti cinzenta'
<i>jm</i>	[kuj.ma.'rɛ]	'urubu'
<i>jb</i>	[boj.boj.'a]	'sapo cururu'
<i>nh</i>	[kōn.kōn.'hap̃]	'nambu pedrez'
<i>mʃ</i>	[ʃɛm.'ʃɛm]	'andar'
<i>nk</i>	[kōn.'kō.rã]	'cigarra'
<i>ŋk</i>	[hɔ.rōŋ.'ka]	'umbigo'

<i>nʔ</i>	[<i>mɪn.ʔapʔ</i>]	'canoa'
<i>tk</i>	[<i>ʃɔ.ʃɔtʔ.ʔka</i>]	'cará'
	[<i>ta.ra.kutʔ.ʔkutʔ</i>]	'formiga de correção'
<i>kd</i>	[<i>takʔ.ʔdə</i>]	'quadril'
<i>kb</i>	[<i>bɔkʔ.ʔbɔkʔ</i>]	'coruja bode'
<i>pɔ</i>	[<i>bɛ.rɔb.ʔdɔ</i>]	'muitos meninos'
<i>pk</i>	[<i>pɪpʔ.ʔka</i>]	'cará roxo'

Não está claro qual deva ser a estrutura silábica das palavras que apresentam uma consoante oclusiva surda /p, t, k/ seguida da oclusiva glotal /ʔ/, como listado abaixo. Embora essas seqüências não tenham ocorrido em início ou em final de palavra, elas ocorrem em início de morfema, como é o caso da palavra para 'meu irmão' *ɔ-tʔaj* '1s-irmão'.

<i>pʔ</i>	[<i>ɪpʔaj</i>]	'peixe'
<i>tʔ</i>	[<i>abitʔaj</i>]	'macho'
	[<i>ɔtʔaj</i>]	'meu irmão'
<i>kʔ</i>	[<i>baʃɔkʔa</i>]	'jaci (esp. de palmeira)'

Nesses casos, observou-se também uma alternância entre a oclusiva surda de tais seqüências e a oclusiva sonora correspondente, como exemplificado em 22, bem como a laringalização da vogal seguinte.

22.	[<i>ɪpʔaj</i>]	~	[<i>ɪbʔaj</i>]	~	[<i>ɪbʔ̥aj</i>]	'peixe'
	[<i>abitʔaj</i>]	~	[<i>abidʔaj</i>]	~	[<i>abidʔ̥aj</i>]	'macho'

Nesse tipo de seqüência, foi notado que as consoantes oclusivas surdas bilabial e velar, [p] e [k], quando seguidas da oclusiva glotal [ʔ] podem opcionalmente ser deletadas, causando variação livre das seqüências [pʔ] e [kʔ] com a oclusiva glotal [ʔ] simplesmente, conforme ilustram os exemplos em 23a. Não se identifica evidência positiva dessa alternância envolvendo a seqüência de consoante alveolar e oclusiva [tʔ], mostrada em 23b, mas também não há evidências de que não pode ocorrer.

23a.	[<i>baʃɔkʔa</i>]	~	[<i>baʃɔʔa</i>]	'jaci (esp. de palmeira)'
	[<i>ʃapɛɛpʔap</i>]	~	[<i>ʃapɛɛʔap</i>]	'omoplata'

23b.	[<i>abitʔaj</i>]	'macho'
	[<i>ɔtʔaj</i>]	'meu irmão'

OBSERVAÇÕES FINAIS

Com a apresentação dos resultados desta etapa do estudo da língua Puruborá, visa-se à sistematização dos dados que dispomos da língua e estabelecer, ainda que preliminarmente, seu sistema fonológico. Demonstramos que o sistema fonológico do Puruborá apresenta traços interessantes do ponto de vista comparativo do tronco Tupi, como a falta de paralelismo entre a série de consoantes velares e as séries de consoantes bilabiais e alveolares, sendo a série velar a mais deficiente na língua e, também, o sistema

vocálico de sete vogais orais, sobretudo pela distinção fonêmica entre duas vogais centrais /i/ e /ə/ e entre duas vogais posteriores /ɔ/ e /u/.

De modo geral, o sistema fonológico e a fonotática do Puruborá conformam-se às características de línguas de outras famílias do tronco Tupi, especialmente as faladas em Rondônia, apesar de apresentar algumas propriedades que lhe são peculiares, como a ocorrência de consoantes implisivas e ejetivas, ainda que apenas no campo fonético. Como vimos, a implisiva bilabial é alofone da oclusiva sonora /b/ diante da vogal central alta /i/ e as consoantes ejetivas constituem uma das realizações fonéticas das oclusivas surdas em sílabas acentuadas. No contexto do tronco Tupi, é importante ainda ressaltar a semelhança entre o quadro vocálico do Puruborá (família Puruborá) e do Karo (família Ramarama). Esta semelhança está sendo estudada em detalhe a fim de verificarmos a possibilidade de um subagrupamento dentro do tronco Tupi, envolvendo as famílias Puruborá e Ramarama (GALUCIO; GABAS JUNIOR, 2002).

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais para o povo Puruborá e todos seus descendentes, especialmente aos senhores Paulo Aaporete Filho e José Evangelista. Ao colega Nilson Gabas Jr. e dois pareceristas anônimos pelas valiosas sugestões, e a Elizabeth dos Santos pela ajuda na sistematização dos dados. Às instituições que apoiaram a pesquisa Fundação Wenner-Gren (research grant #6816), Programa de Pesquisa Spinoza "Léxico e Sintaxe", da Universidade de Leiden, Endangered Languages Documentation Programme, SOAS (ref. MDP0020). Como de praxe, os problemas remanescentes são de inteira responsabilidade da autora.

REFERÊNCIAS

- BONTKES, William. 1968. **Puruborá**. Rio de Janeiro: [s.n.]. Arquivo lingüístico do Museu Nacional. ms.
- CATHEU, Gil de. 2001. Puruborá: mais um povo ressurgido em Rondônia. *Jornal Porantim*. Brasília, DF, Ano 23, n. 241.
- EIRÓ, Jessiléia G. 2002. Aspectos da fonologia da língua Tembê. In: CABRAL; RODRIGUES (Org.). *Línguas Brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: Editora universitária UFPA. p. 385-391. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre línguas indígenas da ANPOLL, tomo I.
- FRANCESCHINI, Dulce. 1999. *La Langue Sateré-Mawé: description et analyse morphosyntaxique*. Tese (Doutorado) – Universidade Paris VII (Denis Diderot), França.
- GABAS JUNIOR., Nilson. 1999. *A Grammar of Karo, Tupi (Brazil)*. Tese (Doutorado) – Universidade da Califórnia em Santa Barbara, CA.
- GALUCIO, Ana Vilacy. 1994. *Fonologia segmental da língua Mekens*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LITERATURA, 9. *Anais...* Caxambu, MG. p. 988-998.
- GALUCIO, Ana Vilacy. 2001. *The morphosyntax of Mekens (Tupi)*. Tese (Doutorado) – Universidade de Chicago, IL.
- GUEDES, Marymárcia. 1990. *Subsídios para Análise Fonológica do Guarani Mbyá*. Campinas: Editora da Unicamp.
- KENSTOWICZ, Michael. 1994. *Phonology in Generative Grammar*. Oxford:Blackwell Publishers.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodore. 1932. Wörterlisten "Tupi, Maué und Puruborá in *Journal de la Société des Américanistes*, v. 24, p.31-50.
- MARTINET, André. 1968. *Eléments de linguistique générale*. Paris: A. Colin. 2ª edição. 225 p.
- MELLO, A. A.. 2000. *Estudo histórico da família lingüística Tupi-Guarani: aspectos fonológicos e lexicais*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, SC.
- MOORE, Denny. 1989. *Lista de palavras Puruborá*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Arquivo Lingüístico do MPEG. (ms.)
- NIMUENDAJU, Curt. 1981. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju*. IBGE em colaboração com a Fundação Nacional Pró-memória, Rio de Janeiro.
- PIKE, Keneth. 1947. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The university of Michigan Press.
- RIBEIRO, Darcy. 1967. *Indigenous cultures and languages of Brazil*. In: STODDARD, T. (Ed.). *Indians of Brazil in the Twentieth Century*. Washington, DC.: Institute for cross-cultural research. p. 77-166. ICR Studies 2.

RODRIGUES, Aryon D. 1984/85. Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. In *Revista de Antropologia*. São Paulo. v. 27/28. p.33-53.

RODRIGUES, Aryon D. 1986. *Línguas indígenas brasileiras*. São Paulo: Loyola.

RODRIGUES, Daniele. 1990. *Fonologia do Guarani Antigo*. Campinas: Editora da Unicamp.

SNETHLAGE, E. Heinrich. 1937. *Atiko y meine erlebniffe bei den Indianern dês Guaporé*. Berlin: Alinhardt & Biermann Berlag.

SOARES, Marilia F.; LEITE, Yonne. 1991. Vowel Shift in the Tupi-Guarani language family: a typological approach. In: KEY, Mary R. (Ed.). *Language Change in South American Indian Languages*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p. 36-53.

TRUBETZKOY, N. S. 1970. Classification logique des oppositions distinctives. In: *Principes de phonologie*. Paris: Édition Klincksieck. p. 68-93.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL. 1971. *Mapa da Bacia Amazônica*. [S. l.]Fundação IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia. Departamento de Cartografia.

Recebido: 25/06/2002
Aprovado: 01/06/2004

